



A RECEPÇÃO DO ANTIGO EGITO: *um panorama do campo e suas contribuições*

Mariana Pinheiro da Costa Chaves

marianapinheiro@id.uff.br

Mestranda em História (NEREIDA/PPGH-UFF)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriene Baron Tacla (NEREIDA/PPGH-UFF)

RESUMO: O presente trabalho busca apresentar o campo da recepção do Antigo Egito junto a seus pressupostos teóricos, para assim mostrar suas principais contribuições para o estudo desta civilização. Também são apresentadas algumas terminologias mais comuns no campo e seus respectivos autores. Para uma abordagem mais completa, recorrer-se-á a Charles Martindale e seu conceito de “cadeia de recepção”, compreendendo que interpretações são frutos de uma série de recepções, ou seja, interpretações anteriores, que se somam ao sentido da obra original. Por isso, este trabalho traz dois casos de recepções anteriores do Egito Antigo que mais influenciaram sua representação no Ocidente – o dos textos gregos e da tradição judaica e cristã – estimulando por fim, uma reflexão sobre a relação entre a egiptologia e a recepção do Egito Antigo.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Antigo Egito; Egiptologia; Usos do Passado; Egiptomania.

ABSTRACT: This paper aims to present the field of reception of Ancient Egypt, along with its theoretical assumptions, to highlight its main contributions to the study of this civilization. Some of the most common terminologies in the field and their respective authors are also presented. For a more comprehensive approach, the work draws on Charles Martindale and his concept of the “reception chain”, understanding

interpretations as the result of a series of receptions—that is, previous interpretations—that add to the meaning of the original work. Therefore, this paper discusses two cases of prior receptions of Ancient Egypt that most influenced its representation in the West—the Greek texts and the Judeo-Christian tradition—ultimately encouraging a reflection on the relationship between Egyptology and the reception of Ancient Egypt.

KEYWORDS: Reception; Ancient Egypt; Egyptology; Uses of the past; Egyptomania.

INTRODUÇÃO: A TEORIA DA RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE

Os estudos de recepção são um campo recente dentro da História, tendo surgido nos anos 90 e 2000, sendo um marco comumente retomado a publicação de *Redeeming the text* em 1993, por Charles Martindale. O autor tem se destacado no debate teórico em torno da recepção da Antiguidade Clássica, apoiando-se nas teorias literárias e hermenêuticas provenientes do Giro Linguístico — movimento dentro da filosofia que destacou o papel da linguagem. Deste teriam surgido duas tradições distintas: a pós-moderna¹ e a fenomenológico-hermenêutica, sendo esta última mais importante para os estudos de recepção. Isso porque defende que qualquer pensamento e ação no interior do presente são determinados pela relação de intimidade com passados e futuros, os quais se constituem como ponto de determinação transcendental que orienta e determina cada presente (RANGEL; ARAÚJO, 2015, p. 323).

Parte desse processo, o intelectual Hans-Georg Gadamer desenvolveu ideias em torno da hermenêutica que foram posteriormente

¹ Rangel e Araújo afirmam que: “A tradição neo-historicista ou pós-moderna está mais precisamente vinculada a filósofos, historiadores e teóricos da literatura como Wittgenstein, Roland Barthes, (...) entre outros, e sua compreensão de base é a de que há uma autonomia radical do presente em relação ao passado e, mais, que são os homens no interior do presente que reconstituem certa reorganização apenas provisória da ‘História.’” (RANGEL; ARAÚJO, 2015, p. 323.)

utilizadas para a consolidação dos estudos de recepção no campo da História. Dentre elas, tem-se o protagonismo desempenhado pelo leitor na formulação de significado, que não é passivo diante da obra. Cada leitor “recebe” e interpreta um texto de maneira única, dependendo de sua educação, experiências de vida e interesses pessoais (BAKOGIANNI, 2016, p. 115). Outra contribuição é o conceito de fusão de horizontes – entre o que o autor quis dizer e o que o leitor entendeu após a leitura – que permite entender uma obra e atribuir sentido a ela (SILVA; FUNARI; GARRAFFONI, 2020, p. 47). Além disso, Gadamer ressalta que as interpretações estão sujeitas às contingências de seu momento histórico, negando uma interpretação permanente de um texto.

Martindale (1993), inspirado pelas ideias de Gadamer e outros autores da Escola de Constança, defende, então, que nenhuma obra tem seu significado determinado pela sua origem, visto que o autor não controla a compreensão da obra. Os estudos de recepção agem de forma a negar uma “leitura pura” dos textos, como se fosse possível ler um autor ou obra de arte antigos retirando todas as nossas percepções anteriores (SILVA; FUNARI; GARRAFFONI, 2020, p. 46).

Entende-se a recepção como um campo de diálogos entre presente e passado, em que a preocupação gira em torno de como o passado chega ao presente e sob quais sentidos, compreendendo a construção de uma cadeia ou rede de significados. Desse modo, é uma reinterpretação de um fato ou elemento histórico em um momento posterior no tempo, sempre mediado pela cultura.

O enfoque está “naquele que recepciona”, que interpreta em um tempo diferente do de produção, visto como um agente ativo na geração de sentido. Desse modo, aponta para o processo histórico da construção de sentido, já que as interpretações que fazemos das fontes antigas estão inseridas em complexas trajetórias estabelecidas por uma “cadeia de recepções” (MARTINDALE, 1993, p. 7), carregadas de significados construídos ao longo do tempo (SILVA; FUNARI; GARRAFFONI, 2020, p.

49). Em suma, a teoria da recepção rompe com a ideia de que o passado é transmitido como uma herança, intacta e imutável, pois chega ao presente já tendo sido interpretado e ressignificado por contextos anteriores.

Embora os estudos de recepção estejam voltados principalmente para a linguagem, também podem voltar-se para a cultura material e para a produção de discursos. Nos primórdios do campo, os clássicos greco-romanos foram mais valorizados; por isso, grande parte da teoria partiu de reflexões feitas por historiadores classicistas. No entanto, vê-se crescer cada vez mais estudos sobre o Egito Antigo e outros povos da Antiguidade, seguindo a mesma lógica da recepção literária dos clássicos, com vistas a compreender como as leituras posteriores moldaram a forma como vemos o passado no presente.

A RECEPÇÃO DO ANTIGO EGITO

Os estudos em torno da recepção do Antigo Egito utilizam diversas terminologias, algumas mais gerais e outras mais específicas, que indicam focos dentro da própria recepção – como nas artes e nas produções de massa. Essa pluralidade indica que este campo é um espaço de potencialidades para análises em torno do Egito; porém, ao mesmo tempo, revela a falta de coerência e discussão em relação às terminologias mais usadas quanto à base teórica. Independentemente dessas variações, o foco da análise está sempre em dois elementos principais: por um lado, o autor ou indivíduo – um receptor – que forma uma imagem ou representação do Antigo Egito em seu contexto sócio-histórico e, por outro, uma tradição interpretativa ou história que performa ou influencia as maneiras pelas quais se encara tal passado (EBELING, 2020, p. 80).

Pela necessidade de estabelecer bem as terminologias para que sirvam de ferramenta para o historiador, serão apresentadas as mais comuns. As expressões “recepção” ou “recepções do Antigo Egito”, no

plural para denotar suas múltiplas abordagens, parecem abarcar do modo mais abrangente possível as formas através das quais tal civilização foi, “desde a Antiguidade Clássica, transmitida, traduzida, extraída, interpretada, re-escrita, re-imaginada, representada, adaptada e re-adaptada” (SALES; MOTA, 2023, p. 227). Os demais nomes seriam outras formas dentro da recepção.

No campo da História da Arte e das expressões artísticas, é comum que se usem os termos “renascimento egípcio”, “reavivamento do Nilo”, “estilo neo-egípcio” ou “estilo egípcio”. Esse tipo de recepção tem foco no uso ou reinterpretação de motivos egípcios em esculturas, quadros, arquitetura, artes decorativas, etc. Não seria uma mera cópia, mas sim uma releitura artística baseada no Egito.

Em relação à recepção do Egito ligada à sabedoria, religião e aspectos filosóficos, é mais recorrente o emprego do termo “egiptosofia”. Criado por Erik Hornung (2001), foi usado para analisar o impacto no Ocidente da ideia do Egito como berço da sabedoria, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, chegando à teosofia e à maçonaria.

Tratando de um gosto, fascínio e apreço pelo Egito Antigo, há o termo “egiptofilia”, onde se vê uma valorização maior das peças autênticas egípcias. Para Jean Leclant (1985), a coleção e exposição de peças egípcias ou até mesmo obras publicadas de viajantes são expressões de egiptofilia (SALES; MOTA, 2023, p. 221).

Já a expressão “usos do passado” é mais recorrente para tratar das mobilizações políticas em torno do passado, a exemplo da formulação de identidades nacionais – como o faraonismo do século XX – e dos discursos institucionais ligados a museus e arquivos. Ao contrário dos anteriores, não é um termo exclusivo ao Egito Antigo, mas sim abrangente para todas as reinterpretações e apropriações políticas do passado, com intuito de justificar algo no presente.

A “egiptomania”, por fim, é um dos termos mais populares, mas também mais mal interpretados e vítima de preconceito. Foi usado de

modo pejorativo por ter em sua composição o sufixo manía, denotando uma obsessão, um impulso irracional, em contraposição à Egíptologia, que carrega uma ideia de razão, logos (SALES; MOTA, 2023, p. 223). Há dois usos para egiptomania: o primeiro para referir-se a arte e motivos decorativos, e o segundo como um sinônimo de recepção do Egito Antigo, mobilizado para abarcar todas as demais formas de recepção, sendo este último o mais comum.

Jean Marcel Humbert (1989) é um nome de destaque na discussão sobre egiptomania, principalmente nos países de língua francesa. O autor apontou o caráter inovador das apropriações do Egito, que produzem novos significados em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, ressaltando que não há uma mera reprodução ou impulso irracional na egiptomania. No Brasil, exerceu grande influência teórica na obra *Egiptomania: O Egito no Brasil* (2004), organizada por Margaret Bakos, livro responsável por introduzir a discussão sobre a recepção do Egito no país em múltiplas abordagens.

Há também debates acerca de onde posicionar a recepção do Egito: na recepção dos clássicos, na recepção da Bíblia, dentro da egíptologia, de maneira independente ou ainda dentro da recepção da Antiguidade, sendo esta última mais comum. A dificuldade encontra-se no fato de que, antes que a egíptologia fosse estabelecida, era preciso ler, interpretar, criticar ou transformar a Bíblia ou os escritos latinos e gregos (EBELING, 2020, p. 80), cujas imagens moldaram os modos de recepção do Antigo Egito até o século XIX.

O EGITO ANTIGO E AS CADEIAS DE RECEPÇÃO: UMA BREVE HISTÓRIA

As narrativas e histórias sobre o Antigo Egito circulam desde a Antiguidade, pelo menos desde a Idade do Bronze. Tal civilização foi reinterpretada diversas vezes e por povos distintos, fazendo com que diferentes impressões acerca do Egito faraônico surgissem. Estas diversas

recepções formam uma rede ou cadeia de recepções, em que as interpretações do passado interferem nas do presente; por isso, é fundamental conhecer as narrativas pré-egiptológicas, também conhecidas como história da recepção do Egito. No Ocidente, destaca-se a recepção do Egito nos clássicos greco-romanos, nos textos bíblicos e no Pentateuco – parte das religiões cristã e judaica – que moldaram a forma como o mesmo foi visto até a constituição da Egiptologia como ciência nos oitocentos. Cada uma delas será explorada brevemente, mostrando também uma abordagem prática da teoria da recepção.

A RECEPÇÃO DO EGITO NOS TEXTOS GREGOS

O Egito aparece diversas vezes na literatura grega e romana, seja de forma positiva, seja de forma negativa. A primeira vez que o Egito surge na literatura grega é em Homero, tanto na *Íliada*, quanto na *Odisseia*, no Período Arcaico (séculos VIII-VI a.C.). As duas obras homéricas já revelam algumas das imagens que serão posteriormente dominantes em relação ao Egito. A questão da riqueza, a natureza espetacular, a arquitetura colossal, a força militar, a sabedoria dos egípcios e seu conhecimento do sagrado, particularmente da medicina, são temas recorrentes (LLOYD, 2010, p. 1069).

Na *Íliada*, há uma menção breve à “egípcia Tebas” por Aquiles, quando Odisseu tenta trazê-lo de volta à Guerra de Troia. Neste trecho, Tebas é referida como um parâmetro de riqueza, ou seja, uma cidade de enormes tesouros, grandiosidade arquitetônica e poderio militar, representado pelos guerreiros e cavalos.

Nem que me oferecesse dez vezes mais ou vinte vezes
mais
do que agora oferece, e que a isso acrescentasse outros
dons,
nem que fossem os tesouros de Orcómeno, ou da
egípcia

Tebas, onde nas casas jaz a maior quantidade de riqueza;

Tebas com seus cem portões, e de cada um arremetem
duzentos guerreiros equipados com carros e cavalos!
(Hom. Il. 9,374–84)

Já na Odisseia, o Egito e os egípcios aparecem em número muito maior, como, por exemplo na narrativa de Menelau (Hom. Od. 4, 250) em sua volta para casa e na mentira que Odisseu conta a Eumeu quando retorna a Ítaca disfarçado (Hom. Od. 14, 285). Nesses momentos, o Egito aparece como um lugar de natureza ora maravilhosa, ora imprevisível, e local de acúmulo de riquezas. Outro trecho é interessante para o entendimento do Egito no contexto grego:

Foi então que ocorreu outra coisa a Helena, filha de Zeus.

No vinho de que bebiam pôs uma droga que causava
a anulação da dor e da ira e o olvido de todos os males.
Quem quer que ingerisse esta droga misturada na taça,
no decurso desse dia, lágrima alguma não verteria:
nem que mortos jazessem à sua frente a mãe e o pai;
nem que na sua presença o irmão ou o filho amado
perante seus próprios olhos fossem chacinados pelo bronze.

Tais drogas para a mente tinha a filha de Zeus,
drogas excelentes, que lhe dera Polidamna, a esposa egípcia

de Ton, pois aí a terra dadora de cereais faz crescer grande

quantidade de drogas: umas curam quando misturadas;
mas outras são nocivas. Lá cada homem é médico;
seus conhecimentos superam os dos outros homens,
porque são todos da raça de Peéon.

Misturada a droga, ordenou que se servisse o vinho.
(Hom. Od. 4, 217-232)

O Egito e seu povo são descritos como detentores de uma sabedoria médica superior à dos demais, a ponto de serem relacionados como descendentes de Péeon, médico dos deuses referido na *Ilíada* (Hom. Il. 5, 899-900). Outro aspecto levantado é a fertilidade e abundância da terra, que, “dadora de cereais faz crescer grande quantidade de drogas (...)”, ressoando a imagem de riqueza que anteriormente foi vista na *Ilíada*.

Também é curioso notar que Helena recebe a droga de uma egípcia, porém seu nome é apresentado como grego – Polidamna. Esse movimento mostrou-se comum em vários dos textos que abordam os egípcios: os nomes e costumes muitas vezes são mais próximos dos gregos do que dos estrangeiros, concorrendo com uma tendência que os via também como totalmente estranhos sob vários aspectos.

Embora haja consciência de que o Egito é um país estrangeiro com suas especificidades culturais e geográficas, os gregos tentaram apropriá-lo para si, seja pela genealogia, seja pela atribuição de nomes gregos à figuras que são egípcias. Este processo teria levado, entre outras coisas, à ideia difusionista de que vários aspectos da cultura grega – como os cultos e os deuses – são de origem egípcia que posteriormente é vista em Heródoto (LLOYD, 2010, p. 1069).

Nos séculos VI e V a.C., a tragédia e a prosa ascendem como novos gêneros literários na Grécia, e, novamente, o Egito faz-se presente. No teatro, foi representado nas tragédias *Suplicantes* (463 a.C.), de Ésquilo, e *Helena* (412 a.C.), de Eurípides. Já na prosa, destaca-se o trabalho de Heródoto de Halicarnasso, que será examinado com mais atenção.

Em seu livro *Histórias*, escrito aproximadamente entre 440 e 430 a.C., Heródoto afirma investigar e preservar o conhecimento acerca dos embates entre gregos e persas, junto de suas causas, nos séculos VI e V a.C. Uma vez que o Egito era uma das principais províncias do Império Persa, Heródoto, no Livro II, narra sobre os costumes e a vida dos egípcios, sendo

um dos relatos sobreviventes mais completos sobre a civilização egípcia de qualquer período da Antiguidade Clássica (LLOYD, 2010, p. 1075).

Heródoto descreve os costumes, cotidiano e a história do Egito, observados e ouvidos *in loco*, sempre em comparação e a partir do parâmetro dos gregos. Em sua narrativa, é possível notar que ele está desenvolvendo aspectos da recepção do Egito que haviam sido estabelecidos em Homero anteriormente (LLOYD, 2010, p. 1075). Por exemplo, há o trecho em que Heródoto fala sobre os médicos, que muito se assemelha a um outro da Odisseia citado anteriormente:

LXXXIV — A medicina está de tal maneira organizada no Egito, que um médico não cuida senão de uma especialidade. Há médicos por toda parte. Uns, para a vista; outros, para a cabeça; estes, para os dentes; aqueles, para os males do ventre; outros, enfim, para as doenças internas. (Hdt. Hist. II, 84)

Além dos atributos anteriormente apresentados em Homero como ligados ao Egito, Heródoto aprofunda a questão da antiguidade da civilização egípcia em comparação à Grécia, aplicando, muitas vezes, a “noção de *propter ergo hoc post hoc*, isto é, se A é anterior a B, então B deve ser o resultado de A” (LLOYD, 2010, p. 1076). Essa convicção permitiu a Heródoto afirmar que o Egito havia sido o inventor de uma série de fenômenos culturais vistos como tipicamente gregos, como, por exemplo, seus deuses.

O Livro II de Histórias teve grande papel na apresentação de uma imagem da história egípcia ao mundo clássico e na posteridade por trazer aspectos detalhados sobre a cultura e costumes egípcios sob métodos investigativos históricos pioneiros de observação, a ponto de séculos depois Heródoto ser considerado pela Historiografia como o “pai da História”.

As tendências na recepção dos egípcios no mundo grego já aparecem em Homero e vão se desenvolvendo em torno da ideia do Egito como “uma terra distante, misteriosa, maravilhosa e enormemente antiga, uma terra de grande riqueza e poder, e uma terra cujos habitantes, (...)”

foram dotados de extraordinária sabedoria e domínio de um rico estoque de conhecimento arcano” (LLOYD, 2010, p. 1085, tradução livre).

Já a partir da conquista do Egito por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., e posteriormente pelos romanos, em 30 a.C., mudaram-se as tendências em torno da recepção, já que se tornou cada vez mais difícil manter as distinções étnicas dos egípcios pela integração crescente com os mundos grego, macedônico e romano. O próprio termo egípcio passou a ser ambíguo, podendo referir-se tanto a um nascido na terra quanto a alguém parte do grupo étnico dos egípcios (LLOYD, 2010, p. 1078). Por isso, a recepção dos egípcios deste período em diante passa também a ocorrer dentro do próprio território por não-egípcios que lá se estabeleceram em grande quantidade. Nesse contato, é mais difícil definir as fronteiras entre recepção, assimilação e fusão cultural.

Em 394 d.C., foi promulgado o édito que proibia os cultos pagãos em todo o Império Romano, conseqüentemente, o Egito faraônico foi prejudicado com o fim da língua hieroglífica e dos templos locais (BRANCAGLION JR., 2013, p. 40). Conseqüentemente, todo contato com a cultura e história egípcias passou a ser mediado majoritariamente por fontes estrangeiras, especialmente greco-romanas, fato que só mudou com a descoberta dos hieróglifos no século XIX.

Nos séculos seguintes, a literatura grega continuou sendo lida e usada como base para a educação de elites e letrados europeus, em especial a partir da revalorização da Antiguidade clássica no humanismo durante o Renascimento. Nesse processo, a interpretação do Antigo Egito pelos gregos foi revitalizada, o que fez com que continuasse circulando e integrando o imaginário no Ocidente. Os textos foram, inclusive, usados como fontes, junto das narrativas bíblicas, pelos eruditos e viajantes a partir do século XVII, para encontrar lugares ligados ao passado egípcio.

A RECEPÇÃO DO EGITO NOS TEXTOS JUDAICOS E CRISTÃOS

O Egito tem papel proeminente principalmente nos primeiros cinco livros da Bíblia, comuns também à tradição religiosa judaica. Com auxílio de uma ferramenta de análise de texto distanciada, o Voyant Tools², vê-se que na Bíblia de Jerusalém³, com 1.221 páginas, palavras ligadas ao Egito⁴ aparecem 803 vezes. Esse dado é indicativo da importância do Egito e dos egípcios dentro da narrativa sagrada e do peso de suas imagens, que afetaram na posteridade as formas as quais essa civilização foi interpretada.

Começando pelo livro de Gênesis, este apresenta a história de José (Gn. 37-50), filho preferido de Jacó, que, por causa dos ciúmes de seus irmãos, é vendido como escravo aos ismaelitas. Na condição de escravo, chega ao Egito e serve a Potifar, que é oficial do faraó. No desenrolar da narrativa, José é preso injustamente e, na cadeia, os funcionários egípcios descobrem seu dom para interpretar sonhos. Em pouco tempo, presta este serviço ao faraó e o avisa sobre uma seca terrível que está por vir. José se torna um funcionário importante da administração do faraó e salva o Egito pela boa gestão durante a seca, fazendo com que o país prosperasse e aumentasse sua riqueza, a ponto de sua família pedir refúgio na terra dos faraós. Assim, os onze irmãos de José e seu pai se instalam na terra de Gessen, no delta do Nilo. Em Gênesis, o Egito aparece de modo bastante positivo, como uma terra de riquezas e abundância material.

Porém, no Êxodo, essa imagem muda completamente. Com a ascensão de um novo faraó, os hebreus passam a ser escravizados e oprimidos, até que Moisés é escolhido por Deus para tirá-los do Egito. Os hebreus se tornam o povo escolhido de Deus e marcham até a Terra Prometida, após o envio de sete pragas ao Egito, até que o faraó os libertasse. Nesse livro da Bíblia, há uma oposição forte entre a idolatria, o

² Disponível em: <http://voyant-tools.org>

³ Essa versão da Bíblia foi escolhida por integrar texto bíblico, notas de tradução, geográficas e do contexto histórico, constituindo um material de estudo e referência mais aprofundado.

⁴ Palavras usadas: Egito, egípcio, egípcios, egípcia e egípcias.

politeísmo e a tirania egípcios, e o monoteísmo e o desejo de liberdade dos hebreus (EBELING, 2020, p. 81).

Não é apenas essa imagem negativa que aparece no Êxodo; há também um uso negativo da sabedoria por parte dos egípcios. É reconhecido que os egípcios possuem sabedoria e sábios entre eles, porém ela é usada para oprimir e para enganar. Tanto a sabedoria quanto a magia egípcias são usadas para enganar, e, mesmo seu artifício para mentir é mostrado como inferior, já que as cobras egípcias são devoradas pela cobra dos hebreus, vide a passagem abaixo:

A vara transformada em cobra —Disse lahweh a Moisés e a Aarão: “Se Faraó vos disser: ‘Apresentai um prodígio em vosso favor’, então dirás a Aarão: ‘Toma a tua vara e lança-a diante de Faraó; e ela se transformará em cobra.’” Moisés e Aarão foram a Faraó, e fizeram como lahweh ordenara. Lançou Aarão a sua vara diante de Faraó e diante dos seus servos, e ela se transformou em cobra. Faraó, porém, convocou os sábios, os encantadores de cobras. Ora, também eles, os magos do Egito, com suas ciências ocultas, fizeram o mesmo. Pois lançou cada um a sua vara, e elas se tornaram cobras. Mas a vara de Aarão devorou as varas deles. Contudo, o coração de Faraó se endureceu e não os ouviu, como lahweh havia predito. (Ex. 7, 8-13)

O livro do Êxodo é a mais importante peça da recepção egípcia dentro do Pentateuco, já que esse episódio é marcante para a definição do povo escolhido e o estabelecimento de uma aliança com Deus, ainda celebrado anualmente pelo judaísmo na Páscoa.

Em outros momentos da Bíblia cristã, o Egito torna a aparecer. No livro de I Reis, onde são narrados os acontecimentos e as vidas dos reis de Israel, o rei Salomão é apresentado como sábio, cuja sabedoria teria vindo diretamente de Deus. Na passagem abaixo, nota-se que o Egito aparece novamente como um parâmetro de sabedoria.

A fama de Salomão — Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e um coração tão vasto como a areia que está na praia do mar. A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito. (I Reis, 4, 30)

Em Atos dos Apóstolos (At. 7, 20–22), onde é retomada toda a história do Antigo Testamento desde Abraão, menciona-se que Moisés teria aprendido a sabedoria com os egípcios. (EBELING, 2020, p. 81). Dessa vez, a sabedoria egípcia é apresentada como algo positivo:

Nesse momento nasceu Moisés, que era belo aos olhos de Deus. Por três meses foi nutrido na casa paterna; e depois, tendo sido exposto, recolheu-o a filha do faraó e o criou como seu próprio filho. Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras. (At. 7, 20–22).

Ainda no Novo Testamento, no Evangelho de São Mateus, é narrado um episódio que transforma o Egito, sinônimo de tirania no Antigo Testamento, em um lugar de refúgio contra perseguição – a fuga da Sagrada Família de Herodes (Mt. 2, 13–23). Ali, teriam permanecido até que um anjo avisasse em sonho que o retorno era seguro. É uma narrativa curta, porém marcante em relação aos significados do Egito para a Bíblia.

Nos séculos seguintes, não era incomum que viajantes fossem ao Egito, em turismo e peregrinação, com o intuito de encontrar os locais consagrados nas histórias bíblicas – tanto do Novo quanto do Antigo Testamento. Este território foi palco de episódios importantes dentro de uma História Sagrada, o que fez com que o Egito nunca saísse do horizonte no Ocidente, circundado pela visão de um local de sabedoria, tanto para o bem quanto para o mal, de opressão e de refúgio.

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO PARA A EGIPTOLOGIA

Os estudos em torno do Egito, como mostrado anteriormente, existem desde os viajantes na Antiguidade até a modernidade, quando buscavam compreender e registrar as especificidades do lugar e de seu povo. Porém, a Egiptologia, enquanto ciência acadêmica e institucionalizada, nasce apenas no século XIX, principalmente após a ação militar de Napoleão Bonaparte no Egito, que levou, junto aos exércitos franceses, um grande número de estudiosos que iriam estudar, catalogar e

registrar diversos aspectos do país – desde a geografia até as ruínas mais antigas. A egiptologia oitocentista se definiu como responsável por estudar a civilização egípcia sob seus próprios termos, abarcando temporalmente do período faraônico até o fim da dominação romana, com métodos multidisciplinares – arqueológicos, antropológicos, históricos, linguísticos, geográficos, dentre outros – para englobar todos os aspectos ligados ao Egito Antigo.

Até a decifração dos hieróglifos por Jean-François Champollion em 1822, através da análise da Pedra de Roseta, só era possível conhecer o Egito através das recepções anteriores, assim, se conhecia esta civilização pela interpretação da Bíblia e dos clássicos da antiguidade (EBELING, 2020, p. 88), ou seja, pelo olhar do outro. Sua cultura material era conhecida; porém, seu significado não era compreendido em seus próprios termos. Essas imagens e interpretações do Egito, instauradas durante séculos, impactaram os estudos egiptológicos, mesmo que em seus primórdios, a egiptologia tenha desejado afastar-se delas, estigmatizando-as como uma história de falhas e erros (EBELING, 2020, p. 79-80).

O preconceito em torno da recepção do Egito Antigo por parte da egiptologia permaneceu durante quase todo o século XIX e XX, sendo vista como um fenômeno menor e uma expressão da cultura popular que se opõe à ciência. Nos últimos anos, com a consolidação dos estudos de recepção, debate-se cada vez mais a relação entre os dois campos de estudo. Ao invés de uma oposição, podem ser pensados como aspectos complementares de um mesmo fenômeno (SALES; MOTA, 2023, p. 223) – o de apreensão do passado egípcio – um levando em consideração o Egito por si, outro o Egito pelo olhar do outro.

A recepção pode trazer muitas contribuições para a egiptologia se pensada de forma complementar. Como parte da premissa de que todo contato com o passado é mediado pelas percepções e questões do presente, questiona a objetividade no acesso ao Antigo Egito e propõe analisar as possíveis origens das representações do mesmo no processo de

construção da egiptologia. Por isso, o campo da recepção permite o estudo da história intelectual em torno do Egito na longa duração e a escrita da própria história da egiptologia.

Outra contribuição importante da recepção para a egiptologia é o olhar sobre a relação entre o saber científico e as reinterpretações e usos fora da academia. A egiptomania e as demais formas de recepção dependem do contato entre o Egito e um “receptor” ou recepção anterior, logo, dependem, a partir do século XIX, principalmente das escavações e avanços arqueológicos guiados pela egiptologia. Várias das ondas de egiptomania são coincidentes com avanços egiptológicos, como, por exemplo, a descoberta da tumba de Tutancâmon. Ao mesmo tempo, o interesse por estudar o Antigo Egito é anterior à egiptologia e é fruto de um interesse cultivado por uma longa cadeia de recepções. Assim, a egiptomania legitima a criação da disciplina científica. A egiptomania e a egiptologia são dois modos complementares de acessar o Egito, que podem existir concomitantemente.

Como os contatos com os antigos egípcios foram múltiplos no decorrer dos séculos, são igualmente muitas as recepções e suas formas, assim como suas abordagens possíveis. Tanto a interdisciplinaridade quanto a intertextualidade ganham lugar privilegiado nos estudos de recepção da Antiguidade, com vistas a examinar os processos de transmissão e interpretação das matérias do passado, o que, por sua vez, promove um entendimento mais amplo do Egito e como nos relacionamos com essa civilização no decorrer do tempo.

CONCLUSÃO

Os estudos de recepção da Antiguidade são um campo de múltiplas potencialidades, que permitem uma reflexão sobre a forma com que nos relacionamos com o passado, sugerindo um diálogo entre tempos distintos, onde as interpretações no presente dependem, muitas vezes, de

outras tantas feitas no passado. No caso do Antigo Egito, pelo desconhecimento do significado dos hieróglifos e incompreensão da cultura egípcia por si mesma, a interpretação dependeu, até o século XIX, de outras recepções, principalmente pelos textos da tradição judaico-cristã e dos gregos. Mesmo com o surgimento da egiptologia, as imagens produzidas anteriormente ainda tinham grande peso no imaginário e na visão ocidental em torno do Egito como um lugar de origem, sabedoria, domínio sobre o sagrado e imortalidade. Essas cadeias de recepção em torno do Egito Antigo fizeram com que este nunca fosse esquecido no Ocidente, tornando-o “ao mesmo tempo uma realidade histórica e um mito que não para de ser recriado, copiado e deformado” (BRANCAGLION JR., 2013, p. 39).

Pela sua heterogeneidade de manifestações, longevidade na história e impacto no Ocidente, a recepção do Egito deve ser estudada não como uma simples cópia de elementos egípcios ou uma obsessão, mas sim como reinterpretações e reusos que nos indicam aspectos do “receptor” e de seu tempo, assim como do próprio Egito. Assim, junto à egiptologia, a recepção do Egito auxilia na expansão do conhecimento sobre o Egito faraônico, ao mesmo tempo que investiga as camadas de significado criadas em torno deste durante séculos de curiosidade e interesse, que fizeram deste passado sempre presente.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

At. – Ato dos Apóstolos, Bíblia.

Ex. – Êxodo, Bíblia.

Gn. – Gênesis, Bíblia.

Hdt. Hist. – Heródoto, História.

Hom. Il. – Homero, *Ilíada*.

Hom. Od. – Homero, *Odisseia*.

Mt. – Evangelho de São Mateus, Bíblia.

Reis I – Livro de I Reis.

FONTES

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

HERÓDOTO. História. Tradução do grego, Introdução e Notas de Mário da Gama Kury. Editora Universidade de Brasília, 1985.

HOMERO. Ilíada. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

HOMERO. Odisseia. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKOGLIANNI, A. O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Codex – Revista de Estudos Clássicos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 114–131, 2016.

BAKOS, M. Egíptomania: O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

EBELING, F. Reception of ancient Egypt. In: SHAW, I.; BLOXAM, E. G. (eds.) The Oxford handbook of Egyptology. Oxford: Oxford University Press, 1 ed., 2020, pp. 79–96.

HORNUNG, E. The secret lore of Egypt: its impact on the West. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

HUMBERT, J-M. L'Égyptomanie dans l'Art Occidental. Courbevoie, Paris: ACR Edition, 1989.

HUMBERT, J-M.; PANTAZZI, M.; ZIEGLER, C. Egyptomania : L'Égypte dans l'art occidental, 1730-1930. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1 ed, 1994.

LECLANT, J. De l'égyptophilie à l'égyptologie : érudits, voyageurs, collectionneurs et mécènes. Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, v. 129, n. 4, p. 630–647, 1985.

LLOYD, A. "The Reception of Pharaonic Egypt in Classical Antiquity". In: LLOYD, A. (ed.). A Companion to Ancient Egypt. Oxford: Blackwell Publishing, vol. 2, 2010, pp. 1067–1085.

MARTINDALE, C. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1ª edição, 1993.

RANGEL, M.; ARAUJO, V. Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia*, n. 17, p. 318–332, 2015.

SALES, J.; MOTA, S. Recepção ou Recepções do Egito antigo? Expressões da globalização do conhecimento sobre o mundo antigo. *Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental*, n. 24, p. 217–230, 1 dez. 2023

SALES, J.; MOTA, S. Egiptologia versus egiptomania: Em torno do conhecimento global sobre o antigo Egito. In: ABRANTES, P.; LECHNER, E. (coord.). *Nós Globais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, pp. 23–48.

SAUNERON, S. *A Egiptologia*. São Paulo: Editora Saber Atual, 1970.

SILVA, G.; FUNARI, P.; GARRAFFONI, R. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, vol. 40, p. 43–66, 2020.